

À Mesa na Trindade

Diálogos sobre a Maçonaria

Nuno Cruz



Tecto de Nuvens

Título

À Mesa na Trindade – Diálogos sobre a Maçonaria

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autor

Nuno Cruz

Prefácio

Fernando Lima

Capa

Hugo Baganha (a partir de uma foto de António Lopes/*Ponto de Vista*)

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

Paginação

Tecto de Nuvens

© Nuno Cruz

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-54128-1-5

D.L.: 440969/18

O autor escreve segundo a antiga ortografia.

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.

A gerência da Tecto de Nuvens

Como Homem, DEDICO este livro às minhas filhas e...elas sabem!

Como Maçon, AGRADEÇO a todos os meus irmãos que, pela positiva (muitos) e pela negativa (alguns) me ajudam a determinar o meu percurso maçónico.

PREFÁCIO

Este livro do Nuno Cruz não é mais um sobre Maçonaria, a acrescentar aos que preenchem bibliotecas inteiras, a maior parte historiográficos, ensaios filosóficos ou esotéricos, que dão conta deste facto social complexo.

É um livro simples, descomplexado, pedagógico, em forma de diálogos, aqui e além, com laivos socráticos, e que, seja para maçons ou não maçons, dá a conhecer, de uma forma original, factos e problemáticas Maçónicas, tal como as conhece e vive.

Porque a Maçonaria é, fundamentalmente, uma vivência, como nos é aqui dito, vivência que é o seu verdadeiro segredo.

Segredo que, ao longo dos séculos, por má informação ou má fé, criou muitos equívocos ou acirradas perseguições contra os que contribuíram para significativos avanços civilizacionais, e que lutaram e lutam pela liberdade, igualdade e fraternidade, pela verdadeira ossatura dos direitos humanos, facto que tanto incomodou e incomoda toda a espécie de ditadores e apologistas das servidões voluntárias.

A Maçonaria é uma Ordem iniciática, com os seus métodos de Ritos, Rituais e Simbologia, que supõem a saída da realidade corrente, para alcançar novas e meritórias formas de comportamento, guiadas pela razão esclarecida que afaste as paixões tristes.

Um ideal humanista por uma humanidade melhor, mais justa, mais fraterna.

O segredo não é mais do que a vida interior inviolável de cada um, a intimidade, lugar da liberdade absoluta, avessa aos que querem controlar a vida dos outros.

Os leitores estão gratos ao Nuno Cruz por contribuir, na sua forma, para o esclarecimento, de modo acessível, para todos, os que, de boa fé e bons costumes, merecem ter.

Lisboa, Abril/2018

Fernando Lima

Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano-Maçonaria Portuguesa

PRÓLOGO

Foi numa quarta-feira de uma semana e um mês já esquecidos que tomei a decisão de escrever este livro.

Não me recordando do resto da data, porque o teria feito em relação ao dia da semana?

A explicação é simples e justifica o ambiente em que decorrem os diálogos que vos transmito.

Era o dia de reunião quinzenal da minha Loja Maçónica, integrada no Grande Oriente Lusitano, cujas instalações são em pleno Bairro Alto.

Tendo chegado demasiado cedo, entendi passar um bocado na cervejaria Trindade, ali perto, deliciando-me com a leitura do livro que tinha entre mãos.

Não estava há muito tempo por lá, quando chegou um amigo e irmão de uma outra loja que se sentou à minha mesa e encetou uma conversa inócua mas que ao fim de algum tempo se relacionou, pois claro, com a Maçonaria.

Senti-o profundamente desgastado com todos os impropérios e, mais do que isso, com afirmações de pura aleivosia e maldade carregadas pela comunicação social e pelas redes cibernéticas que frequentava, contra a Maçonaria.

A tal rede de corruptos, de manipuladores dos e nos corredores do poder, a sua pretensa intromissão na vida política e no mundo dos negócios, etc. ... etc. ...!

Recordo-me de que foi com ar de gozo (de que hoje me penitencio) que lhe disse palavras de circunstância que, pelo facto de o serem, não eram menos verdadeiras.

Recordei-lhe que ao longo da história sempre a Maçonaria se confrontou com esse fenómeno e que nem poderia deixar de o ser.

A existência de uma organização de homens que defendiam e praticavam o livre pensamento, teria sempre, mas sempre, que desencadear reacções adversas em quem não aceitava o colocar em

causa o monolitismo ideológico, fosse precisamente no mundo da política, como no mundo dos negócios.

Havia que acrescentar a esses mundos, ainda, um outro (quase ia a acrescentar, negócio) não menos importante: o da religião organizada.

Sempre foi assim, dizia-lhe eu, fazia parte do ADN das ideologias dominantes.

Claro que hoje em dia, com todos os meios de divulgação existentes, a mensagem é passada de uma forma quase instantânea e com repercussões emotivas diferentes, já que a análise do conteúdo não é filtrada pela razão.

Aliás, os novos tempos criaram uma plêiade de indivíduos que nada ficam a dever aos intrépidos e corajosos cavaleiros de antanho

Imitando os famosos cavaleiros das cruzadas, eles aí estão denotando uma não menor coragem e ainda maior valor combativo, perante as hostes dos infiéis.

Substituindo a dureza do couro das selas que os outros tinham por dever montar, pela macieza do sintético do cadeirão em que se sentam, transformando o hábil manejo da lança e da espada, na destreza com que pulsam o botão do rato do computador para se exprimirem, eles aí estão, o novo exército dos heróis de sofá, ignorados pelas multidões, já que a sua valentia se esgota nas palavras e insultos com que a demonstram... sentadinhos, claro!

Obviamente que essa multiplicação da carga negativa é sempre muito bem aproveitada por quem tem interesse nisso.

Claro está que não me posso ater apenas ao que à Maçonaria diz respeito, já que o princípio de se arranjar um bode expiatório se aplica a muitos outros campos, sendo que o da política não será o menos importante deles.

Por isso mesmo se dá o caso de que é a partir desta esfera de actividade social – a política – que nascem muitos dos boatos e pseudo verdades, senão mesmo mentiras, no que à Maçonaria e aos seus membros diz respeito.

A velha teoria da conspiração esteve sempre presente na manipulação das massas, e Portugal não é excepção.

A existência de um culpado para as insuficiências intelectuais ou até

mesmo as intenções menos éticas de muitos dos que conduzem os destinos de uma sociedade, é um imperativo manipulatório de que eles não podem prescindir.

Não é necessário recuarmos até Maquiavel para entender isso. Leiam-se os mais contemporâneos Althusser ou Chomsky, para não falar de muitos outros e facilmente compreendemos isso.

Se à actividade política juntarmos outros centros de interesse como, por exemplo, a estrutura religiosa, em especial a que por cá é, aparentemente, a mais dominante, teremos muitos pontos de partida para detectarmos o interesse na construção de um “inimigo” que polarize os ódios públicos e mais do que isso, a culpa de todos os males que a acção dos detentores do poder, por incúria ou má-fé, colocam sobre os ombros da população que deveriam servir, mas de que se servem.

Quer isto dizer que todos os maçons são ímpolutos, uns repositórios de virtude que servem de exemplo para a sociedade?

Não! Nunca poderia afirmar isso, claro, nem a tal me atreveria.

A questão é outra: será a maior parte dos maçons constituída pelos tais exemplos negativos?

Nem por sombras!

Aqueles que apenas se juntaram a esta Ordem Maçónica unicamente para poderem ser considerados membros de uma associação que ao longo da história teve nas suas fileiras nomes sonantes da vida intelectual, científica, social e mesmo política, de enorme gabarito e com justo reconhecimento através dos tempos, constituem-se como uma minoria.

Para esses indivíduos, trata-se apenas de uma questão de imagem, pensando eles, ainda que de uma forma totalmente idiota, que afirmarem-se como maçons lhes confere uma respeitabilidade social que os seus actos, pelo contrário, se encarregam de anular.

Se o leitor tiver a paciência de mergulhar nos “diálogos” que a seguir transcrevo, decerto ficará bem mais inteirado da postura que os verdadeiros maçons apresentam quanto a estes profanos que, por um acaso histórico, frequentam os trabalhos e aí usam o avental, símbolo distintivo e identificador da prática maçónica.

Importa contudo - e desde já - reiterar que eles se constituem como uma minoria dentro da nossa ordem e a quem os verdadeiros maçons, a maioria, não lhes reconhece a condição de que publicamente se arvoram.

Estes, os maçons que se consideram inseridos numa via iniciática de aperfeiçoamento moral, sabem que são humanos e, como tal, com virtudes e defeitos.

Procuram, dentro das paredes do templo a que se acolhem e na vida profana em que se movimentam, desenvolver aquelas e corrigir estes últimos.

Fazem-no com o prazer e, mais do que isso, com o sentimento de se poderem vir a proclamar como homens livres e de bons costumes.

Sabem, contudo, que o caminho não é fácil e é repleto de escolhos, internos a si próprios uns e exteriores nas ameaças com que na sociedade se confrontam, outros.

E uma das maiores ameaças é precisamente representada pela existência dos “irmãos” a que me referia acima.

A Maçonaria, ordem universal, entende-se como a floresta frondosa e pujante, a cuja sombra se acolhem todos os homens de bem. Mal iria se por nela existirem meia dúzia de troncos mortos e outras tantas espécies de flora parasita, que apenas pretende sugar o oxigénio das árvores de grande porte, tivéssemos que abater e destruir todas aquelas que, no seu conjunto, se apresentam como um pulmão da humanidade.

.....

Algumas notas, tendo em vista o que a seguir publico:

- De todos os exemplos apresentados, não poderei dizer que “qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência”. Não. Eles referem-se a casos reais. Obviamente que nomes, locais e tempos, foram modificados de modo a que apenas eu e os respectivos envolvidos os possamos identificar.

- Uma segunda nota tem a ver com o segredo maçónico, esse termo tantas vezes utilizado pelos não maçons, pretendendo assim justificar a tenebrosa maquinação que se trama dentro das paredes das lojas maçónicas...!

Se há dois ou três séculos poderia haver alguma propriedade na utilização da expressão, hoje em dia, com a circulação maciça e quase instantânea da informação, seja a escrita seja a audiovisual, podem crer que tudo o que tem a ver com a Maçonaria é de tal maneira público que a expressão, em si, deixou de ter significado.

Uma ressalva, porém, se impõe.

Qualquer pessoa interessada em saber os aspectos mais recônditos da prática da Maçonaria, pode ter acesso à sua descrição, como disse, mas não é por esse facto que se poderá identificar com um maçom.

Terá o conhecimento, sim, do que se pratica, dos rituais, até mesmo dos sinais e das palavras usadas, mas... continuará a não ser um maçom!

Apesar de ter acesso a toda a informação falta-lhe o domínio do tal segredo.

E, afinal, qual será esse segredo?

Muito simples. O leitor acima descrito domina a parte cognitiva da Maçonaria mas falta-lhe o essencial: a vivência fraternal com os seus irmãos da prática em loja e na micro - sociedade que aí se encontra.

É, portanto, no posicionamento de um maçom na parte essencial do SER e não na do TER o conhecimento, que reside o verdadeiro segredo maçónico.

Ele reside no sentimento de pertença vivida no grupo e não no conhecimento que ele tenha adquirido nas prateleiras das livrarias ou no clicar num computador.

O segredo é endógeno à vivência maçónica e não exógeno a esta.

Sinto-me, portanto, confortável face ao conteúdo dos “diálogos”, sem recear que espíritos menos tolerantes me venham acusar de desvendar práticas maçónicas a que me comprometi, por juramento na minha iniciação, a manter sigilosas.

Tudo o que abordo, no que diz respeito à prática maçónica, é mais do que conhecido, já que se trata de generalizações.

Quanto à especificidade do que se passa no quotidiano das sessões em templo, aí o leitor não encontrará qualquer informação, por menor que seja, que, nesse caso sim, me obrigo a não revelar “a profano ou maçom algum o que se passou nesta sessão”.

Infelizmente este é um juramento que algumas vezes é quebrado por quem se afirma maçom.

Um outro aspecto – e não menos importante – é o que resulta da pergunta a que todo o autor deve submeter a sua obra: a quem se destina o que escrevo?

A resposta parece-me relativamente simples.

Afastando completamente a ideia de que se trata de um livro para a formação de maçons – obra a que jamais me atreveria, por uma questão de honestidade intelectual, já que os meus conhecimentos não são assim tão profundos – as palavras que se seguem destinam-se aos maçons e, sobretudo... aos não - maçons (prefiro utilizar esta expressão à de profanos, como se justificará a seguir).

Fugindo deste maniqueísmo do nós e os outros, se, por uma vez, tiver conseguido humanizar a postura tão mal tratada do maçom, terei conseguido algum êxito, atrevo-me a afirmar.

.....

- Uma derradeira palavra para a estrutura do que vos ofereço nas páginas seguintes.

Ficciona-se um diálogo - ainda que assente na realidade - entre um aprendiz maçom, com pouco mais de 3 meses de iniciado e um mestre com 20 anos de prática maçónica e largo conhecimento do que é esta Augusta Ordem.

Obviamente que através desses diálogos, se veiculam muitas das reflexões do mestre e das dúvidas do aprendiz, tal como foram sentidas ao longo do tempo por quem, neste momento, se vos dirige.

E, como em qualquer conversa mantida à volta da mesa dum café, não se procura que ela obedeça a uma linha condutora previamente elaborada. Não. Os diálogos surgem como uma consequência natural do fluir dos pensamentos de cada um dos intervenientes, tal como acontece nas muitas conversas que mantemos no nosso dia-a-dia.

Obviamente que, dentro deste paradigma, a componente estética ou literária, por se tratar de uma construção natural, não estará presente nas linhas que se seguem.

Permita-se-me ainda a inclusão de dois post-scripta de ordem meramente pessoal:

PS 1: Propositadamente deixo já claro que não sigo o novo acordo ortográfico, pelo que os seus defensores acérrimos terão de me perdoar este grave pecado.

PS 2: Face ao que escrevo devo confessar outro pecado: Sim, eu sei que tenho mau feitio, mas acreditem que não é agora, com esta idade, que vou mudar...!

Posto isto...dialoguemos.

DIÁLOGO I

O ranger do metal contra metal, provocado pelo contacto das rodas de ferro contra os carris, daquele velho elevador da Glória, quase um ex-líbris de Lisboa, emprestava um certo colorido àquela viagem turística galgando mais uma das colinas de Lisboa.

Sentado numa das duas filas paralelas de bancos que se prolongavam ao longo do carro, que se arrastava por ali acima, carregando no seu bojo os turistas que não se cansavam de tirar fotografias, André sorria ao lembrar-se da expressão “sardinha em lata”!

À medida que o velho e ronceiro elevador se aproximava do topo, em pleno Bairro Alto, André deu conta de que a imagem das sardinhas não era a única que lhe ocorria naquele momento. Aproximando-se de uma das catedrais do fado, à medida que o ranger das rodas aumentava de intensidade, recordou-se do célebre “Fado Malhoa” em que o poeta, perante o famoso quadro da Severa, dizia que “naquela pintura se ouvia o fado”, reforçando com o verso “faz rir a ideia de ouvir com os olhos...”. André sorriu quando se apercebeu da antítese que estava experimentar: ele, ali, via com os ouvidos! Tinha a certeza de que sempre que ouvisse um ranger de ferro semelhante ao dos carris, iria “rever” aquela subida de elevador e mais do que isso, o que ali o havia trazido.

Embrenhado nestes pensamentos, quase nem se apercebeu que a viagem tinha terminado e que o velho “amarelo” da Carris (que de amarelo tinha muito pouco, graças aos inúmeros graffiti que ao longo das suas paredes exteriores ocultavam a cor característica do elevador a qual lhe dava o nome carinhoso com que os lisboetas haviam baptizado os carros eléctricos) despejava do seu bojo o grupo risonho e palrador dos turistas que depois de umas rápidas fotografias tiradas do topo da íngreme subida, rapidamente se espalharam pelas estreitas ruas do bairro, aproveitando aquele agradável fim de tarde de Setembro. Alguns portugueses davam cor

nacional ao grupo e seguiram em passo apressado aos seus destinos que, para eles, na sua generalidade, o elevador era apenas o meio mais cómodo para regressarem às suas casas ou seguirem para o trabalho.

Virando à esquerda, André seguiu pelo estreito passeio, em direcção ao Largo Trindade Coelho, passando mesmo em frente da rua que entrando pelo Bairro Alto dentro, ostentava na placa toponímica o nome de “rua do grémio lusitano”.

Ainda se lembrava da explicação que lhe havia sido dada, já não se lembrava por quem, de que aquela rua tinha tido como que um interregno no seu nome.

Nela se situava, mesmo no cimo, o Palácio Maçónico, sede do Grande Oriente Lusitano.

A imponência e estado de conservação do edificio não poderia fazer esquecer as várias vezes que tinha sido maltratado por aqueles que, num passado recente, olhavam para a Maçonaria como inimigo a abater.

Fora apenas 45 anos antes da revolução dos cravos que se deu um dos maiores ataques físicos àquele “albergue de malfeitores”, como era chamado pelos sectores mais reaccionários do Estado Novo.

Em 16 de Abril de 1929, deu-se um assalto às instalações, levado a cabo por elementos policiais e civis arregimentados e que levou à prisão de muitos maçons que se encontravam no seu interior, a que se seguiram actos de puro vandalismo com a inerente destruição de móveis e documentos.

Foi alguns anos mais tarde, por meados da década de 30 do século passado que o governo de Salazar publicou o decreto que proibia todas as “sociedades secretas”.

Era uma lei que visando, aparentemente, todas as sociedades que foram rotuladas de secretas, na realidade tinha como objectivo fundamental se não mesmo único, a Maçonaria e que ficou conhecida, em certos meios, pela Lei Cabral, já que quem teve a incumbência de a apresentar foi o deputado situacionista (e que mais poderia ser...?) José Cabral, curiosamente um monárquico em pleno Estado Novo.

Curioso também, era o facto de que, na altura, o presidente da Assembleia Nacional (assim se chamava a sede do poder legislativo)

era José Alberto dos Reis, maçom fundador da Loja Fernandes Tomás, na Figueira da Foz, tendo mais tarde abandonado.

A tal lei foi ainda promulgada pelo Presidente da República de então, o marechal Óscar Carmona. Muitos historiadores insistem em afirmar que ele havia sido iniciado numa loja de Chaves onde, contudo, não teria passado de Aprendiz. No entanto nos documentos existentes no acervo do Arquivo do Grande Oriente Lusitano – e que contêm todos os elementos referentes a Chaves – não se encontra nenhuma menção ao seu nome.

Aliás, André lembrou-se de uma conversa que tinha escutado e na qual se abordava a resposta enérgica que essa lei tinha merecido de Fernando Pessoa.

O que é certo é que, dois anos depois do malfadado decreto, o Grémio Lusitano, que era a face pública do Grande Oriente Lusitano Unido, como então se chamava, fora desalojado do seu palácio e este entregue a uma das organizações que se assumiam como sustentáculo do regime de então, a Legião Portuguesa.

Uma das muitas consequências desse acto foi o rebaptizar da Rua do Grémio Lusitano que passou a chamar-se Travessa do Guarda-Mor, nome que, aliás, já tinha ostentado até fins do século XIX, quando passou a ser...Rua do Grémio Lusitano. Parecia mesmo uma dança de cadeiras com o nome daquela rua estreitinha que adentrava o Bairro Alto com todo o pitoresco da zona, misturando casas de habitação com bares e restaurantes.

Só depois da revolução de Abril de 1974 é que o palácio foi devolvido ao Grande Oriente Lusitano e a rua em que se situava retomou o nome, não se poderia dizer que original mas sim anterior.

Enquanto rememorava toda esta história, André chegou ao Largo e dirigindo-se ao quiosque existente mesmo no centro ficou satisfeito com a esplanada que o dono decidiu anexar e que, com aquela temperatura amena, convidava mesmo a uma pausa.

Tinha marcado um encontro com o João na cervejaria Trindade que ficava ali a pouca distância, mas como ainda era cedo, preferiu tomar um café naquele local tão agradável.

Já sentado, deixou o seu espírito vagar sobre o motivo que o havia levado ali.

DIÁLOGO II

A semana passou mais depressa do que os dois amigos, agora irmãos, poderiam ter pensado.

A relativização do tempo, tinha dimensões distintas para cada um deles. Para o João, parecia que ainda tinha sido ontem que tinha estado com o aprendiz que se lhe colara, se era permitido usar essa expressão.

Ele estava já naquela fase em que, apesar da importância que lhe atribuía, reconhecia que há mais vida para além da Maçonaria.

Outro tanto não pensava André que, imbuído do seu interesse de absorver tudo o que pudesse, achava que nunca mais chegava o dia de poder desfrutar da companhia e, sobretudo, do saber do seu novo irmão.

Aproveitando o facto de a sua posição no banco, onde trabalhava, lhe permitir uma saída a horas que considerava decentes, o agora aprendiz resolveu vir mais cedo para o local do encontro, a Cervejaria Trindade, aquele lugar carregado de simbolismo de que ele apenas vislumbrava algumas pontas soltas. Claro que as imagens ele via muito bem. Ignorava era, de uma maneira geral, a carga simbólica que elas acarretavam. Tinha a certeza, no entanto, que o João, o seu Mestre, como gostava de o chamar, embora sempre contrariado por ele, se encarregaria de o elucidar.

Comodamente sentado, curiosamente, à mesma mesa em que tinham estado na semana anterior, André deixou vaguear o olhar pelas paredes da cervejaria, observando com interesse maior todos os azulejos que decoravam as paredes daquela primeira sala em que estava.

Alargou o olhar para a sala seguinte, a segunda de um comboio de três. Do lugar em que estava podia ver outro conjunto pictórico ao longo de toda a parede e vislumbrou, na parede oposta, um outro painel de azulejos pintados.

De tal maneira estava embrenhado na sua observação, que nem deu conta de que João tinha chegado.

Sobressaltou-se quando viu uma mão estendida na sua direcção e só aí se apercebeu da sua presença.

- *Se fosse um ladrão, já te tinha roubado a bolsa e nem davas por ela. O que é que estavas a ver com tanta atenção?* - perguntou João.

- *Sabes, já aqui vim algumas vezes mesmo sem ser para estas nossas agradáveis conversas. Chamaram-me de facto a atenção os azulejos pintados com símbolos que, obviamente, estão relacionados com a Maçonaria. Sempre me interroguei a que propósito eles apareceram aqui.*

João puxou uma cadeira, sentou-se, não sem antes fazer um gesto ao empregado que, de tantas vezes o ter atendido, já sabia o que ele iria pedir.

- *Se vou ter que te dar uma aula de história, ao menos que seja com a garganta molhada* - disse João encolhendo os ombros.

É uma história bem longa que já vem de trás... Bem, os azulejos não tanto. Esses são da segunda metade do Século XIX. Aparecem aqui por volta de 1863. Foram pintados pelo Ferreira das Tabuletas, que era o nome dado a um tal Luís Ferreira, pessoa intimamente ligada à arte da azulejaria dessa altura.

Aliás, se saíres daqui, da cervejaria e seguires pelo teu lado esquerdo e dobrares a esquina vais encontrar um prédio com fachada virada para o Largo Rafael Bordalo Pinheiro e que é justamente conhecido como a casa do Ferreira das Tabuletas. Aí também encontrarás, na frontaria, os símbolos maçónicos, entre outros.

- *Portanto, esse Ferreira das Tabuletas era um maçom que decorou as suas casas dentro da simbologia da Ordem.*

- *Não. Não será assim. Ele era o artista que trabalhava para o dono da obra, embora não se possa excluir que tivesse alguma afiliação, no mínimo, à simbologia maçónica. Este, o dono, tanto da cervejaria como da casa de que falamos, era um capitalista galego, o Manuel Moreira Garcia, esse sim, defensor dos ideais maçónicos. Foi ele quem encomendou estas lindas obras de arte ao tal Ferreira das Tabuletas.*

Aliás, mesmo aqui nesta cervejaria, encontras outros azulejos com representações que não são exclusivamente maçónicas. Repara naquela sala, a do meio. Nas duas paredes estão representados os quatro elementos da

natureza, Terra, Água, Ar e Fogo, naquela da esquerda e as estações do ano na da direita.

- Pois, lá estão as estações, mas... espera... não está o Inverno!

João sorriu, surpreendido com a atenção e a argúcia do André.

- Bem... para ser franco não estava à espera de que fosses tão miudinho... mas tens razão. Não está o Inverno. E será que, já que és tão observador, podes adiantar uma explicação para isso?

- Pá... não sei. No entanto...

- No entanto...?

- Isso deve ter a ver com alguma razão de ordem simbólica... do estilo de... não aparecer a estação mais rude e agreste... para levar a que as pessoas se instalem sob o abrigo das estações mais hospitaleiras... sei lá...

- Boa!!! Belíssima interpretação simbólica. Até parece perfeito, não é?

André começou a não se sentir muito confortável, já que ia conhecendo o João. Tinha a certeza de que ele estava a ser mais uma vez irónico e aguardou pacientemente pelo que aí viria.

- Ok. Já percebi que me espalhei. Ora conta aí...

- Não classificaria como espalhanço, mas este caso serve precisamente para ilustrar a maneira como muitos abordam esta questão da interpretação dos símbolos. A tendência de se atribuírem sempre significados ocultos àquilo que se vê. A necessidade de se encontrar um sentido esotérico no que é manifesto.

- Não estou a perceber nada do que estás a dizer...

- É simples. Já vais perceber. Tudo começou por não estar representada a estação do Inverno, não foi?

- Sim.

- No entanto se olhares bem vais verificar que onde deveria estar esse painel, o do Inverno... o que é que lá está?

- Nada. É uma passagem para a outra sala.

- Paradoxo.

- Como?

- Dizes que não está nada e depois dizes que está uma passagem.

As únicas partes que escaparam foram a igreja, a biblioteca e o refeitório.

- *Eh! Eh! - riu André - estou mesmo a ver. Sinal da providência. Deixaram intactos os locais do alimento da alma, do espírito e do corpo.*

- *Isso mesmo. Estás a evoluir. – Foi a vez de João se rir.*

Só não sei se será no melhor sentido mas isso são outras histórias. Olha e quanto ao refeitório do convento já te conto um episódio giro, dos dias de hoje, que ilustram bem a “sapiência” com que muitos pseudo intelectuais se referem à Maçonaria.

- *Conta, conta...*

- *Já lá vamos mas já agora que falamos em conventos, etc. e tal, talvez não saibas um facto histórico que muitos desconhecem. Toda a gente fala dum nosso Irmão, com grande actividade na 1ª República, o Afonso Costa, que pertenceu à Loja O Futuro, do GOL, uma loja com muita tradição na Maçonaria portuguesa. Ele é muitas vezes citado pela sua posição perante as relações com o clero de então...*

- *Sim, o autor da lei da separação da Igreja e do Estado, isso sei.*

- *Entre outras coisas de igual ou maior valia, sim. O certo é que popularmente quase toda a gente o associa precisamente, digamos, que a uma perseguição à Igreja e às suas propriedades.*

- *Isso quer dizer que este edifício, que era um convento, também foi objecto da sua perseguição?*

- *Primeiro eu não lhe chamaria perseguição, no sentido mais aguerrido do termo e, segundo, não, não foi e sabes porquê? Por que já, para aí perto de oitenta anos antes, em 1834, em plena monarquia, existiu uma lei que conduziu à extinção dos conventos existentes e consequente apropriação e ocupação por parte de quartéis, hospitais, escolas, tribunais... eu sei lá quê mais.*

Portanto, meu caro mano, a tal “perseguição” não foi desencadeada ab initio pelo Afonso Costa. É como aquele anúncio do brandy... já vem de trás...

- *Mas claro que essa ocupação não foi só aqui neste convento.*

- *Obviamente! Ainda hoje tens o resultado em muitos outros que conheces bem.*

Por exemplo o antigo convento de S. Bento... lá foram instaladas as cortes, na altura.